

A FONTE QUE JORRA EM NÓS

Maria Flávia Figueiredo

Parodiando o título de artigo escrito por Antônio Ermírio de Moraes à Folha de S. Paulo, *Educação: prioridade nº. 1*, eu diria que para nós, que temos o coração no Evangelho, Evangelizar é a prioridade nº. 1. Esse é, sem dúvida, o sentido de nossas vidas.

Pensando sobre isso esta manhã, percebi que, assim como um professor que deseja que seu aluno aprenda a matéria, queremos falar de Jesus a todos que nos cercam, queremos explicar o que Ele fez em nossas vidas e o que pode fazer na vida de quem nos ouve, queremos que seus milagres continuem acontecendo por meio de nós, queremos que nosso discurso seja suficientemente persuasivo para conquistar os corações daqueles que nos escutam. Na verdade, assim como os professores, estamos desejosos que nossos alunos, as pessoas que nos propomos a evangelizar, também aprendam a matéria: a redenção trazida por Jesus.

Mas, sabemos que ensinar é uma arte e o processo de aprendizagem depende de inúmeros fatores, que não estão sob nosso controle. Nosso dever, portanto, é seguir tentando. O que, surpreendentemente, nos esquecemos é de seguir os passos Daquela que, além de Salvador, era também um mestre, o nosso Mestre. Ele, certamente, tem inúmeras coisas a nos dizer a respeito do complexo processo de aprendizagem e da delicada arte de ensinar, ou melhor, de evangelizar.

Eu, que sou professora desde os 14 anos, sempre me surpreendo com Jesus como educador. Mas hoje pela manhã, minha surpresa foi ainda maior. Enquanto preparava o café, ouvia o CD do evangelho segundo João. Quando chegou ao capítulo 4, imaginei que mais uma vez ouviria a passagem de Jesus com a Samaritana. Sabia que, mesmo conhecendo tal passagem e a tendo ouvido dezenas de vezes, poderia aprender algo novo (já que a Palavra de Deus é sempre antiga e sempre nova), mas confesso que fiquei surpresa com o que me saltou aos ouvidos dessa vez: Jesus, nessa passagem, nos dá uma verdadeira lição sobre a possibilidade de ensinar e de aprender. Vejamos o que o Mestre faz.

Jesus não espera que aquela mulher, a Samaritana, deixe a Samaria, lugar onde vivia, para ir ao seu encontro. Ele é que, tendo condições de passar por vários lugares, vai ao encontro dela. Nesse ponto, eu me pergunto: será que temos deixado o conforto de nossos lares, ou mesmo de nossas idéias pré-concebidas, para irmos ao encontro daqueles que queremos evangelizar? Será que, como professores, temos saído do nosso mundo para mergulharmos no universo dos nossos alunos? Ou será que o preconceito tem tomado conta de nossas mentes e tem nos paralisado? Quantas vezes tenho ouvido pregadores dizerem que não podemos nos misturar com os pecadores e nem frequentar os lugares que esses frequentam. Quantas vezes tenho ouvido professores dizerem que não conversam com seus alunos por causa da linguagem chula e grosseira que esses trazem de casa. Mas Jesus, mesmo sabendo que o fato de um homem conversar com uma mulher não era bem visto (muito menos Ele, sendo judeu, conversar com uma Samaritana), quebra as barreiras e expectativas sociais e políticas e vai ao encontro dela, que, naquele momento, era quem precisava ouvi-lo.

Quando a encontra – diferentemente de nós, professores afoitos ou ávidos evangelizadores –, Jesus não despeja seu conhecimento sobre ela. O que Ele faz, em primeiro lugar, é se tornar curioso a respeito do que ela tem a lhe oferecer, a lhe ensinar. Ao perceber que a mulher estava ali para buscar água, Jesus se mostra interessado por aquilo que ela podia oferecer e lhe pede água. “Veio uma mulher da Samaria tirar água. Pediu-lhe Jesus: Dá-me de beber.” (Jo 4,7)

Interessando-se por aquilo que fazia parte do cotidiano dela, Jesus a faz se interessar por aquilo que Ele tinha a lhe oferecer. “Respondeu-lhe Jesus: Se conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz: Dá-me de beber, certamente lhe pedirias tu mesma e ele te daria uma água viva.” (Jo 4,10)

Interessante perceber que essa conversa se passou ao lado de um poço, o poço de Jacó, lugar que servia de descanso para aqueles que por ali passavam. “Ali havia o poço de Jacó. E Jesus, fatigado da viagem, sentou-se à beira do poço.” (Jo 4,6) Isso me faz pensar no cansaço que nós,

professores ou evangelizadores, às vezes sentimos ao longo do caminho; talvez por acreditarmos que o conhecimento tenha sempre que partir de nós, como se fôssemos uma fonte inesgotável de saber. Mas, nessa passagem, vemos que até mesmo Jesus, o Rei da eterna Glória, como homem, se sentia fatigado. E, nesse momento, não contava apenas com o conhecimento que havia dentro de Si, mas se abria à possibilidade de explorar aquilo que encontrava pelo caminho. Quantas vezes nos surpreendemos com a ação do Espírito Santo! Lembro aqui uma conversa que tive ao telefone com uma pessoa que se dizia descrente de Deus. Sabendo que não podia pressioná-la com palavras de evangelização, me detive a conversar apenas sobre o que era de interesse para ela. Qual não foi a minha surpresa quando ao final daquele telefonema eu mal podia pronunciar as palavras porque o Pai estava nos presenteando, naquele exato momento, com um batismo no Espírito. O Espírito Santo estava ali, manifestando-se por meio da partilha entre dois amigos. Apenas desliguei o telefone e fiquei usufruindo daquela dádiva do céu. Quanto à pessoa que conversava comigo, tive certeza, algo novo havia acontecido em sua vida, algo que certamente não dependeu de mim, nem das minhas palavras, tampouco do meu conhecimento; o Espírito Santo havia se manifestado em sua vida. E, de fato, algum tempo se passou, e aquela pessoa me testemunhou haver recobrado sua fé. Essa experiência veio me mostrar que, quando não temos nada a oferecer ou mesmo quando nos sentimos fatigados, podemos, assim como fez Jesus, nos sentar à beira do poço; Deus fará a obra.

Mas minha experiência, assim como a da Samaritana, não parou por aí. Jesus ensinou a ela que buscar a fonte de água viva deveria ser uma postura de vida e não um rito de dependência. Aquela mulher havia passado sua vida inteira na dependência daquele poço, assim como nós muitas vezes queremos fazer com que nossos alunos ou nossos filhos espirituais se tornem dependentes de nós ou do nosso conhecimento. Mas Jesus demonstrou que esse não é o caminho, dizendo: "Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede, mas o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. Mas a água que eu lhe der virá a ser nele fonte de água, que jorrará até a vida eterna." (Jo 4,13-14). Dessa forma, Jesus propõe uma libertação. Essa nova

postura nos abre para a percepção da fonte de água viva que brota do interior de cada um de nós.

Quantas vezes nos orgulhamos porque sentimos que conquistamos uma alma para Deus, ou porque percebemos que um aluno conseguiu aprender a matéria que nós havíamos ensinado, mas, na verdade, estamos apenas colhendo os frutos que outros plantaram. Almas que chegamos a conquistar para Deus geralmente foram amplamente cultivadas por outros evangelizadores que vieram antes de nós; quando nossos alunos chegam a aprender algo é porque outros educadores nos precederam, preparando-os para aquele conhecimento. Nesse sentido, podemos entender que aquela Samaritana apenas reconheceu Jesus, pois ela já o conhecia de ouvir falar. “Respondeu a mulher: Sei que deve vir o Messias (que se chama Cristo) (...) Disse-lhe Jesus: Sou eu, quem fala contigo.” (Jo 4,25-26). Somente assim podemos entender estas palavras de Jesus: “assim o semeador e o ceifador juntamente se regozijarão. (...) Um é o que semeia outro é o que ceifa. Enviei-vos a ceifar onde não tendes trabalhado; outros trabalharam, e vós entrastes nos seus trabalhos.” (Jo 4,36-38)

Podemos, então, concluir: estamos a serviço do Pai, trabalhamos em Sua vinha, ora como semeadores, ora como ceifadores; ora como evangelizadores, ora como sedentos de evangelização; ora como mestres, ora como aprendizes; o que não podemos jamais é perder de vista nossa natureza: somos convidados a ser fonte de água viva e essa fonte não pode nunca deixar de se manifestar, seja em forma de jorrar do Espírito, seja em forma de sede de infinito.

Louvado seja o nome Daquele que nos ensinou o caminho à fonte: Jesus Cristo!

São José dos Campos, julho de 2007.